



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ

***Práticas políticas¹* em contextos cotidianos
curriculares como invenção de outros modos
possíveis de existência**Political practices in everyday curricular contexts as the invention of
other possible modes of existence*Prácticas políticas en contextos curriculares cotidianos como
invención de otros posibles modos de existencia*Sunamita Astir Daud de Souza
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni**RESUMO**

O artigo trata dos percursos de uma pesquisa que problematiza os cotidianos das escolas na dimensão de *práticas políticas* que possibilitam processos de invenção curriculares e afirmam outros modos de existência. Como metodologia, utiliza a cartografia entrelaçada à pesquisa dos/nos/com os cotidianos, em movimentos formativos de professores(as), na relação com seguintes intercessores teóricos: Alves, Carvalho, Deleuze, Guattari, Rolnik. Aponta as possibilidades de *pensar praticar* currículos que se conectam a um modo de agir e pensar próprios de quem habita as escolas e resiste às tentativas de controle e/ou regulação da existência.

Palavras-chave: cotidianos escolares; currículos; *práticas políticas*.

ABSTRACT

The article deals with the paths of a research that problematizes the daily life of schools in the dimension of political practices that enable processes of curricular invention and affirm other modes of existence. As a methodology, it uses cartography, intertwined with networks of conversations in teacher training movements in relation to the following theoretical intercessors: Alves, Carvalho, Deleuze, Guattari, Rolnik. It points to the possibilities of thinking and practicing curricula that connect to a way of acting and thinking of those who inhabit schools

¹ A junção desses termos e de outros que aparecem no texto é uma maneira que aprendemos com as pesquisas nos/dos/com os cotidianos para afirmar um sentido outro, mais amplo, para o que até então tinha sido pensado como dicotômico pela Ciência moderna.

and who resist attempts to control and/or regulate existence.

Keywords: school daily routine; curricula; political practices.

RESUMEN

El artículo trata de los caminos de una investigación que problematiza el cotidiano de las escuelas en la dimensión de las prácticas políticas que posibilitan procesos de invención curricular y afirman otros modos de existencia. Se utiliza como metodología la cartografía, entrelazada con redes de conversaciones en movimientos de formación docente en relación con los siguientes intercesores teóricos: Alves, Carvalho, Deleuze, Guattari, Rolnik. Señala las posibilidades de pensar y practicar currículos que se conectan a una forma de actuar y pensar de quienes habitan las escuelas y resisten los intentos de controlar y/o regular la existencia.

Palabras-clave: rutina escolar; plan de estudios; prácticas políticas.

Iniciando a conversa: tensionamentos e resistência em contextos cotidianos curriculares

Está é uma escrita-resistência em contextos cotidianos curriculares que se põem a favor da vida, da criação de outros mundos povoados por intensidades, desejos e afetos. São mundos imersos em processos de mutações que se abrem para outros modos de ver, ouvir e sentir os *espaçostempos* da escola, possibilitando variações infinitas em suas composições. No plano cotidiano, buscamos movimentar-nos por diferentes modos de existência que se desenham na relação com o outro. Um experimentar de múltiplas possibilidades que nos convoca a deslocar, transitar e forjar novos roteiros de vida.

Na relação com as pesquisas nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2003), somos provocados(as) a experimentar, estranhar e produzir caminhos de desconstrução ante as políticas curriculares e suas tentativas de exclusão do cotidiano como dimensão criadora da vida e de invenção da existência (NOLASCO-SILVA; SOARES, 2015).

Os cotidianos, tal qual os entendemos, são palcos que abrigam sujeitos singulares e coletivos, sujeitos em trânsito – que são e que se tornam –, praticantes que tecem e articulam redes de conhecimentos e significações, que fabulam subjetividades e orientam, a partir delas, suas ações. Os cotidianos são, pois, lugares de produção de conhecimentos (incluindo-se, entre eles, os valores) e também de invenção da existência. Em outras palavras, nada existe fora do cotidiano, de sua imanência, de seus diversos contextos, dimensões, *espaçostempos* nos quais os sujeitos se constituem e a vida se forma, informa e acontece. (NOLASCO-SILVA; SOARES, 2015, p. 177)

Propomos, com a escrita deste artigo, movimentar-nos com os currículos criados pelos *praticantepensantes* (OLIVEIRA, 2012) dos cotidianos escolares

que resistem aos *saberes-fazer* instituídos pelas relações de poderes hegemônicas, possibilitando compor outros sentidos de conhecimentos no desdobramento de *práticas políticas* inventivas mobilizadoras da diferença. Como sujeitos políticos que somos, as práticas nunca são neutras, mas carregadas de finalidades e de intervenções. Portanto, “[...] práticas são políticas negociadas nas complexas redes cotidianas de saberes, fazeres, poderes das escolas e dos sistemas educacionais, constituindo-se como políticas de currículos” (CARVALHO; FERRAÇO, 2012, p. 3). Assim, problematizamos: O que passa nos cotidianos das escolas na dimensão das *práticas políticas* que possibilitam processos de invenção curriculares e afirmam outros modos de existência?

Alves (2010) traz a compreensão de políticas como práticas coletivas em múltiplos contextos cotidianos como um modo de resistir à lógica hegemônica e dominante para fazer suscitar outros possíveis. Em movimentos de pesquisa, buscamos – na relação com as experiências e narrativas dos *praticantes-pensantes* da escola – argumentar que não se produzem currículos, apenas, por força de documentos, ao contrário, eles vão sendo constituídos em processo por um modo de agir e pensar próprios de quem habita as escolas. São os diferentes sujeitos dos cotidianos escolares que, com suas *teorias-práticas-práticas políticas*, inventam novos processos curriculares subvertendo os mecanismos de regulação instituídos pelas políticas educacionais de governo.

Isso indica que *teorias-práticas-práticas políticas* são criadas todos os dias nos diversos contextos da escola, compondo outros modos de *pensar-fazer* os currículos e produzindo novos sentidos de conhecimento que difere daquilo que está posto, já dado. São as apostas, as escolhas no campo cotidiano que, como apresentam Nolasco-Silva e Soares (2015), remetem à problematização das relações de saber/poder.

A complexidade dos cotidianos faz-nos pensar e afirmar um percurso teórico-metodológico em movimento de pesquisa, que permite fazer uso de procedimentos conceituais, analíticos e investigativos próprios que não seguem protocolos normalizados, mas têm como compromisso a expansão da vida, fazendo ecoar as vozes e conhecimentos que emergem do cotidiano como produção de “mundos possíveis conceituais” (ALVES, 2010, p. 1200).

Nosso modo de pensar-fazer pesquisa diverge dos métodos estabelecidos pela ciência moderna racionalista, com seus percursos definidos previamente e seu rigor metodológico atravessado por formalismos e prescrições firmadas sob uma suposta neutralidade e objetividade. Assim, escolhemos transitar por uma cartografia rizomática com seus mapas abertos possíveis de rasurar (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Estamos acompanhando processos no encontro com o outro, as ideias, os pensamentos, os acontecimentos e tudo quanto movimenta os cotidianos escolares, fazendo proliferar outros possíveis, novas outras rotas, (des)caminhos.

As narrativas e experimentações curriculares apresentadas neste artigo compõem os movimentos de pesquisa em redes de conversações (CARVALHO, 2009), com professores(as) dos anos finais do ensino fundamental de uma rede municipal de ensino. Nesse movimento, colocamo-nos em relação com as forças que habitam os diferentes *espaçotempos* da escola, deixando-nos afetar pela intensidade dos encontros produzidos, para pensar outros possíveis de existência que arrastam nossa escrita a compor com os múltiplos contextos cotidianos.

Cotidianos escolares e a arte de conspirar currículos: afirmando outros possíveis

Para Carvalho (2009, p. 179), “[...] o currículo constitui-se por tudo que é vivido, sentido, praticado no âmbito escolar e que está colocado na forma de documentos escritos, conversações, sentimentos e ações concretas vividas/praticadas pelos praticantes do cotidiano”. Desse modo, pensamos os cotidianos como força imanente de invenção curricular, que excede e transborda ao que está posto por documentos normativos e prescritivos como conhecer/aprender. A escola é lugar de muitas linhas, algumas segmentarizadas, duras por um olhar dogmático e cristalizado quanto aos modos de pensar a vida, os currículos, a docência, mas também lugar de outras linhas, de natureza flexível, que permitem transitar e deslizar por diferentes mundos.

Sabemos que o currículo implica um jogo de poder que se constitui de “[...] ações sobre ações [para] incitar, induzir, desviar, tornar fácil ou difícil, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável [...]” (DELEUZE, 1988, p. 73).

Trata-se do poder de afetar e ser afetado em um campo que não é neutro. Se, por um lado, estamos afirmando modos de *pensar/praticar* currículos na interface com os cotidianos e com a vida que movimenta esse território, temos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com seus enunciados-visibilidades, a qual propõe o alinhamento das políticas estaduais e municipais de currículo a seus critérios de “pleno desenvolvimento da educação”. Nesse tensionamento de forças entre o poder de afetar e ser afetado, vão-se constituindo também resistências sob o efeito de uma vida que acontece na relação com os *praticantes/pensantes* da escola.

Muitos(as) professores(as) argumentam que são eles(elas) que estão nas escolas cotidianamente e inventam, com as crianças e adolescentes, novas composições curriculares, possibilitando a expansão das forças transformadoras da realidade, da existência e do mundo. Não estamos com isso fazendo menção a uma prática que se traduz por respostas e soluções de problemas, mas a ousadia de produzir deslocamentos, permitindo o corpo movimentar-se por lugares outros. Para nós, é essa a potência do fazer docente: seu poder de intervir, inventar, mobilizar, provocar, abrir mundos e deixar-se afetar e ser afetado no encontro com o outro. Os(As) professores(as) “conspiram”, como fala Guattari (1985, p. 59), “respiram juntos” e inventam um modo singular de praticar currículos que se conectam com as redes de conhecimento do cotidiano. Nesse movimento, vão sendo estabelecidos relações, trocas, partilhas, negociações, acontecimentos produzindo diferentes maneiras de habitar esses espaços e compor currículos, fazendo emergir mundos possíveis. É o que apresentamos nas redes de conversações de professores(as), ao pensarem o currículo como força de invenção de novas realidades.

- [...] O currículo pode ser possibilidade, pode ser força, movimento capaz de romper os roteiros com suas previsibilidades. Nesse sentido, o professor com os estudantes pode pensar outras práticas que se movimentam com o acontecimento, a diferença. O cotidiano é abertura para a invenção.

- [...] Um currículo não deve se pautar por uma lógica conteudista, mas voltar-se para as relações, os afetos, a tudo que pulsa no cotidiano da escola no experimentar da vida. (Enunciações docentes em movimentos formativos)

Em um dos encontros de formação que compõem os movimentos desta pesquisa, fomos afetadas pela narrativa de uma professora com seu modo de *pensarpraticar* currículos em turmas do 6.º ao 9.º ano do ensino fundamental. A professora estava trabalhando com a arte rupestre com as turmas do 6.º ano.

Para que os alunos entrassem em relação com o conhecimento, ela revestiu as paredes da sala com papel cenário, levou tinta guache e lápis de cor para que os estudantes desenhasssem o próprio mundo, o seu lugar, a sua História, as relações cotidianas. A intenção era possibilitar adentrar uma realidade própria de muitos estudantes que habitam as periferias, mundos esquecidos pelos livros didáticos, pelas políticas de educação.

Os estudantes trouxeram a escola, a pracinha, além dos pontos de tráfico do bairro, o que, de certo modo, afetou a professora. Era preciso produzir dobras no plano de ensino, nos conteúdos propostos, inventar linhas que possibilitassem novos olhares para o cotidiano, pensar outros modos de existência. Segundo a professora, tirar os estudantes de seus lugares fixos, determinados, produzindo movimentos de problematização da vida, da existência, trouxe uma certa inquietação por parte da direção da escola e dos coordenadores.

Os registros dos estudantes, em papel cenário, de uma vida à margem de um currículo prescrito não duraram muito tempo. No entanto, era o começo de uma relação entre os estudantes e a professora que se estenderia pelo ano letivo, fazendo expandir subjetividades e produzindo novas realidades, outros movimentos de afirmação da diferença. A narrativa da professora apontou o cotidiano como lugar de vida, de possibilidades e de encontros transformadores. Para Alves (2010, p. 1202), em intercessão com Certeau, os *praticantespensantes* e pesquisadores nos/dos/com os cotidianos devem buscar e fazer uso das artes que estão

[...] para além da racionalidade dominante, jogando com as emoções, que são criadas, permanentemente, combinando possibilidades, e fazendo surgir inúmeras alternativas, em trajetórias que não podem ser previamente determinadas porque são sempre diferentes e diversificadas [...].

A professora continuou a conversar com os(as) professores(as), apresentando as experiências e as dobras produzidas em percursos com os

alunos, por força de um viver que escapa às tentativas de regulação e de silenciamento.

Com as turmas dos nonos anos, em redes de conversação, as aulas fluíam por caminhos inesperados, expandindo para diferentes *espaçotempos*. As conversas iniciais buscavam problematizar os movimentos neocoloniais na África e na Ásia, mas foi enredada pela vida e por um devir que pede passagem, possibilitando novos movimentos e significados. Em uma das aulas, ela e os(as) alunos(as) conversaram sobre outras estéticas de existência não articuladas aos modos hegemônicos dominantes. Os efeitos de resistir às tentativas de controle e/ou regulação da existência aparecem em seu enunciado:

- As meninas começaram a se sentir maravilhosas, perceberam que não precisavam alisar os cabelos, afinar o nariz, diminuir a boca [...]. Elas passaram a se enxergar de outros modos a ponto de uma das meninas, ao logo de outras conversas que aconteceram durante o ano letivo, dizer que não iria mais alisar os cabelos e passaria a fazer uso de turbantes. A ideia de normalização e padronização foi tratada em seu viés capitalista hegemônico. (Enunciação docente em movimento formativo)

O que passa na relação com os *praticantes pensantes* dos cotidianos são forças de contágio, de propagação que desperta outras maneiras de viver, ao conspirar-respirar (GUATTARI, 1985) outras existências. Trata-se de um devir minoritário, um devir-negro que não se reduz à forma, mas aciona múltiplas forças (PARAÍSO, 2019).

Segundo a professora, novos encontros foram-se constituindo, de modo que passaram a compor esse movimento alguns convidados que escolheram a ciência, o esporte e a arte como forma de expressão da existência. Em redes de conversações com os estudantes, eles falaram das possibilidades de deslocamentos, de um pensar fora de um *saber poder* hegemônico, afirmando a vida por excelência (DELEUZE; PARNET, 1998). A alegria de viver o novo, despertada por esses movimentos, integra as experiências e narrativas da professora:

- Chamamos um professor doutorando em “História do Tempo Presente” para compartilhar experiências com os nossos alunos. Ele falou sobre os possíveis, sobre habitar a Universidade, saindo da escola pública e da periferia [...]. Em outro momento ocupamos a biblioteca, afastamos as estantes e as mesas e enchemos o local de tatames. Os alunos passaram a tarde toda em movimentos de conversas com ex-atleta da seleção brasileira sub-17 de judô, que expôs os desafios da carreira no

esporte e apresentou pequenas técnicas de defesa pessoal [...]. Na oficina de hip hop e grafite não conseguimos ficar apenas com os 9ºanos na biblioteca, quando eu vi já estávamos com as turmas de 8º e 7ºanos participando [...]. Essas oficinas eram espaços de fala dos alunos, para expor seus pensamentos e de compartilhar suas experiências [...]. (Enunciação docente em movimento formativo)

A professora com seus *saberes-fazer*es curriculares nos ajudam a pensar possibilidades de desmonte dos discursos de verdade e seus conjuntos de regras (FOUCAULT, 2021) que também compõem os cotidianos escolares e tentam diminuir a potência da existência. As conversas problematizam as relações de poder, os efeitos dos processos de dominação construídos historicamente sobre os corpos negros. O que move a professora é o desejo de pensar-viver outros possíveis com seus alunos: “*eles podem ser o que quiserem ser*”. Os movimentos de conversações são agenciamentos de singularidades, uma micropolítica de afirmação da diferença.

Assim, afirmamos que currículos se fazem com os *praticantes-pensantes* da escola, e, por mais que tentem tirar dos currículos as forças que emergem dos cotidianos, é lá que a vida segue e produz possíveis, outros modos de ver, sentir e compor a existência.

Os processos de subjetivação na dimensão de práticas políticas de resistência no cotidiano escolar

A subjetividade, para Guattari e Rolnik (1996), é uma produção social e coletiva e, portanto, não faz referência ao entendimento de sujeito a partir de algo interior e relacionado ao plano individual. É efeito de relações, encontros e afetos com o mundo, com uma exterioridade. Nesse sentido, o capitalismo concebe a subjetividade como produção, tornando os indivíduos consumidores de um modo de ser/estar no mundo regidos por padrões *capitalísticos* de existência.

A ordem capitalística é projetada na realidade do mundo e na realidade psíquica. Ela incide nos esquemas de conduta, de ação, de gestos, de pensamento, de sentidos, de afeto, etc. Ela incide nas montagens de percepção, da memorização, ela incide na modelização das instâncias intra-subjetivas (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 42).

Nesse tipo de produção de subjetividade, os indivíduos são como terminais (GUATTARI; ROLNIK, 1996) que se conectam, agenciam elementos diversos, produzindo modos de ser/estar no mundo. A educação, com suas políticas de currículos, estabelece processos de subjetivação que incidem na modelização dos modos de existência.

O indivíduo, como terminal, consome sistemas de representação de códigos, de habilidades e de competências, prescritos por políticas educacionais instituídas que determinam e condicionam a existência segundo os padrões universais estabelecidos por uma ordem de mundo capitalista. Há, ainda, os testes padronizados que a legitimam. Assim, problematizamos: Seria o caso de nos (re)apropriarmos dos componentes de subjetivação dados pelas políticas de currículos hegemônicas para produzir processos de diferenciação no plano do cotidiano?

Para Alves (2010), somos sempre sujeitos políticos, e as políticas são práticas capazes de romper as configurações de poder estabelecidas por um sistema educacional instituído. Pensar *práticas políticas* de resistência aos modos de produção de subjetividade dominante é abrir possibilidades de inventar coletivamente novas redes de *saberes-fazer*es que expressam os múltiplos modos de existência que compõem os cotidianos escolares.

Com efeito, pensar os currículos perspectivado por uma concepção de instrumentalização do saber é atuar a favor de políticas de expropriação da vida, que desconsideram a diferença, a multiplicidade, a heterogeneidade. Nossa aposta está nos processos de singularização (GUATTARI; ROLNIK, 1996) – movimentos de desvios dos modos de produção de subjetividades capitalistas – rupturas ante as formas, os modelos, o consenso, o silenciamento do corpo e da vida que emergem dos cotidianos escolares.

Assim, os currículos podem compor espaços de produção de outros possíveis, outras imagens de sujeitos que subvertam a racionalidade de uma subjetividade modelada, industrial (GUATTARI; ROLNIK, 1996), buscando por forças ativas transformar a existência. Uma professora diz: “*O meu desafio na docência é descortinar horizontes. [...] Eu sempre vou acreditar nos meus alunos [...]; a escola precisa ser fábricas de desejos, sonhos e, se eles desejarem, podem voar*”.

A professora está produzindo dobras, girando a rota dos caminhos indicados para pensar o cotidiano escolar como “laboratório de existência, lugar de experimentação, de criação e invenção” (SILVA; DELBONI, 2016, p. 407). É no cotidiano escolar que o campo dos possíveis é tecido em um enredamento “de conhecimentos, afetos, linguagens que o produzem e o travessam” (CARVALHO, 2009, p. 21). Assim, trazemos a narrativa de outra professora que conspira-respira possibilidades de currículos atravessados por encontros, afetos, deslocamentos.

- Uma forma de resistir é não esquecer, no fazer docente, da palavra sensibilidade. Quando trazemos esse termo para pensar subjetividade, estamos tentando olhar de forma sensível o outro para aprender com ele. Não é algo fácil, nem sempre conseguimos. Precisamos lembrar que o outro é um ser dentro de uma cultura, uma formação, um mundo. São crianças e adolescentes de 12,13 e 14 anos de idade que têm outras vivências e que trazem inúmeros embates. Como profissional, queremos compor com a formação desses estudantes, mas para isso precisamos romper algumas barreiras preconceituosas em nós, a fim de nos deixar afetar por outras culturas e talvez chegar e ser tocados por eles. Porque muitas vezes, quem aprende mais somos nós. (Enunciação docente em movimentos formativos)

As professoras trazem, ao pensarem a docência, os currículos em interface com os cotidianos, o exercício de uma militância “[...] que do seu próprio deserto, do seu próprio terceiro mundo, opera ações de transformação, por mínimas que sejam” (GALLO, 2017, p. 60). Estão movimentando-se por *práticas políticas* perturbadoras da normalidade que desorganizam as forças de sentido das relações de saber dominante com suas tentativas de aprisionamento da existência.

Nos agenciando à força dessa docência – que vivencia os cotidianos das escolas e inventa outros possíveis –, dizemos não ao silenciamento dos(das) professores(as) nos processos de elaboração e constituição de políticas educacionais, tais como: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); mais recentemente, a aprovação das resoluções que estabelecem novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN); e uma Base Nacional de Formação Inicial e Continuada (BNC-Formação). Assim, queremos destacar a importância de pensar as políticas de currículo com os *praticantes pensantes* dos cotidianos que inventam currículos produzindo gagueiras (DELEUZE; PARNET, 1998), pois muitos não reconhecem a língua dos currículos oficiais.

Há um contexto político, neoliberal que tenta reduzir a força de *práticas políticas* inventivas, os modos de *pensar praticar* currículos como abertura às experiências singulares, aos processos de diferenciação. O que se ressalta é um aprender para fins de obter um saber, uma habilidade, uma competência que visa à solução de problemas, um currículo de serventia aos interesses privatistas. É preciso resistirmos e nos mantermos atentos, pois desejamos afirmar o currículo como invenção de mundos, de novas realidades (KASTRUP, 2012), aberto às mutações, aos desvios, à multiplicidade. Tudo que desejamos é o movimento, o campo das intensidades em contextos cotidianos. Queremos, portanto, na relação com os *praticantes pensantes* que habitam as escolas, caminhar por entre as *práticas políticas* que ativam outros modos de ser/estar e pensar diferentes dos existentes.

Um modo de *pensar viver* com despropósitos: as diferentes possibilidades de compor a existência e habitar o mundo

Por redes de conversações, os(as) professores(as), no encontro com a poesia de Manuel de Barros (1999), *O menino que carregava água na peneira*, são provocados: pode um “menino” carregar água na peneira?

Em uma dimensão macropolítica, os(as) professores(as) entrelaçam suas falas a um aparato de cobrança, de controle da educação que implica resultados, índices, aprovações. Estamos diante das forças que visam à manutenção das leis, das normas, dos códigos, de um campo de enunciados instituídos por uma ordem neoliberal *capitalística*. Nesse plano, as crianças e os adolescentes precisam atender a um conhecimento “essencial” a ser verificado para que sejam classificados como aptos ou não aptos, aprovados ou reprovados. Segundo os(as) professores(as), na intenção de produzir bons resultados, a escola estabelece, em calendário escolar, a semana de prova de cunho institucional, como também abre espaço às avaliações de larga escala. O “menino” terá de demonstrar seu conhecimento. É preciso mensurar o que ele sabe sobre os conhecimentos “essenciais”, ou o que importa é marcar a alternativa correta A, B, C, D ou E. Esse é o padrão.

Contudo, a conversa ganha dobras, pois há quem diga que não se prende a conteúdos. O plano de ensino até segue uma listagem com competências e

habilidades, mas o olhar do(da) professor(a) percorre as pequenas vielas, os caminhos estreitos de uma realidade longe de ser contemplada por um padrão de universalidade com selo de aprovado ou reprovado. Seu olhar encontra “o menino” que carrega água na peneira. É com ele, e tantos outros “meninos” que o(a) professor(a) se vai perdendo pelo caminho em uma experiência do presente, do plano cotidiano, produzindo encontros que não cabem em um roteiro, em um plano de ensino, tampouco podem ser mensurados por alternativas para marcar com um X, com respostas previsíveis e esperadas. Nesse movimento de conversas, um professor destaca que o modelo que temos de escola e de currículo está falido e, portanto, precisamos (re)pensá-lo, o que não implica propor outros modelos, mas outros sentidos de escola, de currículo, de existência abertas à multiplicidade, à heterogeneidade, à diferença.

Em movimentos de ida e volta do pensamento, constituindo dobras e/ou curvaturas variáveis (DELEUZE; GUATTARI, 2010), uma professora esboçou um campo de forças atuando em favor da expropriação da vida na escola, além de apontar estratégias singulares de resistência que modificam as relações de força (DELEUZE, 1988):

- Nós inventamos currículos diariamente nas escolas, mas há uma tentativa de nos prender aos conteúdos e às avaliações. Temos que repensar a avaliação na escola porque o modo como a pensamos, hoje, é excludente. Não temos que ser bons em tudo. Os alunos não entendem como determinados conteúdos poderão ser úteis, porque não fazem sentido para eles. Na escola onde atuo só temos uma avaliação formal por trimestre, queremos priorizar processos, caminhar junto, mais do que os números. (Enunciação docente em movimentos formativos)

A fala da professora carrega o desejo por caminhos outros, que se distanciam das metas de um aprender/ensinar que estabelecem os mesmos pontos de chegada. Nesse jogo de forças e tensionamentos, juntamo-nos aos *praticantespensantes* dos cotidianos escolares para compor resistências – *práticaspolíticas* inventivas –, produzindo descontinuidades à lógica neoliberal, privatista e mercadológica imposta à educação.

Para Silva e Delboni (2016, p. 408), “[...] há uma micropolítica que compõe uma individualização normatizante, mas também engendra outras maneiras singulares de funcionar”.

As *práticaspolíticas* indicam, de acordo com Alves (2010), uma maneira de pensar investida em uma maneira de agir. No plano cotidiano, professores(as)

tomam decisões e fazem uso do acontecimento para falar em nome da vida. Nesse sentido, contrariando a lógica hegemônica, buscamos compor com os movimentos que desorganizam os currículos instituídos. Estamos referindo-nos às *práticas políticas* inventivas incorporadas por professores(as) e estudantes que seguem o ritmo das sensações, dos desejos, da intensidade, da vida.

Há currículos nos quais sujamos as mãos com tintas, argila, terra e sentimos o aroma das flores, o vento bater no rosto ou a luminosidade do sol. O corpo é livre e pode ziguezaguear de um lado para o outro. Troca-se a habilidade e a competência por intensidade, força. Uma professora está produzindo com as crianças do 6.º ano escritas de vida, a arte de contar a própria história. Um dos espaços de composição desse movimento é o jardim sensorial da escola. O quadro branco, o pincel, as carteiras enfileiradas, os livros por cima da mesa perdem a primazia de objetos, de coisas e de espaços que compõem a aprendizagem.

É no jardim que o corpo é convidado a se sujar em uma oficina de papel envelhecido que será usado para trazer as narrativas das crianças com base nas conversas com os pais e familiares. Nesse processo, algumas crianças não se sentiram confortáveis em colocar no papel os acontecimentos tristes da vida. Com uma escuta sensível e atenta, a professora explica que elas podem fazer escolhas, agenciar-se aos acontecimentos que potencializam a existência, fazendo de suas escritas novos roteiros. Elas são livres para inventar com as experiências e acontecimentos que as afetam, fazendo deslizar o pensamento. Por entre os movimentos de escrita, a professora e as crianças também pintam a vida cotidiana e criam outras imagens de existência e de mundo. Elas trazem, em agenciamento com a arte, o andarilhar à noite, as pegadas pelo caminho à espera da chuva, um banho de lama no lugar dos livros, um corpo que dança com a bola em campo, as muitas mãos e o desejo de voar. As paredes da sala ganham o colorido das imagens de mundo das crianças e as escritas que enunciam a potência da vida cotidiana.

As crianças e a professora inventam currículos por diferentes modos de aprender e ensinar, atentando nas experiências mobilizadoras de desejo, de força. Produzem outros olhares ao campo do aprender, pois importa mais ser afetado nesse processo por aquilo que “[...] dá sentido ao que somos e ao que nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21) do que garantir o exercício de

competências e habilidades por ações de identificar, descrever, caracterizar, associar. As imagens criadas pelas crianças escapam às formas, a um pensar dogmático da vida, produzem outras subjetividades que resistem à condição de sujeitos concebidos à lógica hegemônica capitalista.

É essa dimensão micropolítica que desejamos apostar nos movimentos curriculares com os cotidianos. A possibilidade de conspirar (GUATTARI, 1985) a favor da vida, da invenção e produzir currículos, inspirados em Manuel de Barros, por um modo de *pensarviver* com despropósitos: abertos aos diferentes modos de compor a existência e habitar o mundo. Todos os dias, professores(as), crianças e adolescentes, com seus modos de agir e pensar, movimentam as escolas produzindo outros possíveis, desestabilizando, como propõe Alves (2010), as *práticaspolíticas* de governo. Os *praticantespensantes* da escola fazem diferentes usos dos currículos na relação com as múltiplas redes cotidianas em que estão inseridos, produzindo combinações inesperadas aos processos de conhecimento e de invenção da existência.

O que desejamos e afirmamos...

Os cotidianos são *espaçostempos* de múltiplas existências, de abertura à diferença com descobertas e possibilidades: “[...] lá onde é possível viver, ou, mesmo, onde está, por excelência, a vida” (DELEUZE, 1988, p.121). É lugar de misturas, de tecer redes de conhecimentos que inventam subjetividades que se relacionam com o mundo.

Assim, ignorar o que acontece nos cotidianos escolares é não se deixar afetar pelas forças que os travessam. O que desejamos e queremos afirmar é um modo de pensar e experimentar os cotidianos em outros planos de sentidos que não sejam dados por determinismos ou fatalismos. Para Carvalho (2019, p. 58), importa

[...] desencadear devires moleculares de toda espécie. Deixar-nos atravessar pelos fenômenos de limiar, pela temporalidade do acontecimento, transformando-nos uns nos outros por contágio. A imanência é o plano da existência, dos afetos, de uma vida na qual nos abrimos às intensidades, as forças de contágio do mundo [...].

Queremos (re)afirmar as *práticaspolíticas* inventivas de professores(as) e estudantes que dão lugar à diferença, que provocam o pensamento por outras

lógicas de existência que não se deixam aprisionar por uma ordem estabelecida que tem como efeito a invenção de novas realidades. Resistir é, portanto, expandir subjetividades, reivindicar os processos de experimentação da vida no encontro com o outro, na relação com forças mobilizadoras de múltiplos modos de viver.

Assim, há um desejo por currículos, no plano dos cotidianos, que nos tira do mesmo para expandir horizontes, ganhar outros mundos. Como pesquisadoras, problematizamos a importância de nos despirmos de uma existência que retira a possibilidade do impensável, do inimaginável, de vidas outras, possibilitando escapar à modelização dos processos de existência dominante e suas tentativas de ordenar ações, pensamentos e desejos. A educação que desejamos é aberta à diferença, ao que se passa nos cotidianos das escolas, que conspira-respira a vida em toda sua potência.

Referências

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, pp. 1195-1212, out./dez. 2010.

ALVES, Nilda. Sobre os movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *Revista Teias*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 7-8, pp. 1-8 jan./dez. 2003.

BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. 1 Ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

CARVALHO, Janete Magalhães. Macro/Micropolítica, Cotidiano Escolar e Constituição de um Corpo Coletivo em Devir. *ETD- Educação Temática Digital*. Campinas, SP, v. 21, n. 1, pp. 47-62, jan./mar. 2019.

CARVALHO, Janete Magalhães. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis/Brasília: CNPq, 2009. 224p.

CARVALHO, Janete Magalhães; FERRAÇO, Carlos Eduardo. Editorial Currículo: problematização entre práticas e políticas. *Revista Teias*, v. 13, n. 27, pp. 3-7, jan./abr. 2012.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. 1 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. 136p.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. 2 Ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 128p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?* 3 Ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010. 272p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998. 184p.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 12 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 432p.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a educação*. 3 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.104p.

GUATTARI, Felix. *Revolução molecular: pulsões políticas do desejo*. 2 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 232p.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4 Ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 329p.

KASTRUP, Virgínia. Conversando sobre políticas cognitivas e formação de professores. In: DIAS, Rosimeri de Oliveira (org.). *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012. pp. 52-60.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de educação*, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; SOARES, Conceição. Pesquisas nos/dos/com os cotidianos: como pensamos os projetos, os sujeitos e as experiências em educação. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 3, n. 2, pp. 176-188, jan./jul. 2015.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *O currículo como criação cotidiana*. 1 Ed. Petrópolis, RJ: DP et Alli, 2012. 136p.

PARAÍSO, Marlucy Alves. O currículo entre o que fizeram e o que queremos fazer de nós mesmos: efeitos das disputas entre conhecimentos e opiniões. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 17, n. 4, pp. 1414-1435 out./dez. 2019.

SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. Cotidiano escolar como laboratório de existência: lugar de criação, experimentação e invenção. *Espaço do currículo*, v. 9, n. 3, pp. 404-411, set. a dez. 2016.

Recebido em: 30/10/2023.

Aceito em: 03/12/2023.

Sunamita Astir Daud de Souza

Mestranda em Educação pela da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora da educação básica na

Prefeitura Municipal da Serra-ES. Participa do grupo de pesquisa Com-versações com as teorias pós-críticas em currículos e formação de professores sob a coordenação das professoras Janete Magalhães Carvalho, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni e Sandra Kretli da Silva.

 sunamitadaud@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/9164833408617651>

 <http://orcid.org/0009-0003-5166-3314>

Tania Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora adjunta do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais (Dtepe), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) na Ufes. Desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de currículo e formação de professores na perspectiva da Filosofia da Diferença. Participa e compõe a coordenação do grupo de pesquisa Com-versações com as teorias pós-críticas em currículos e formação de professores

 tania.delboni@ufes.br

 <http://lattes.cnpq.br/3008422505347658>

 <https://orcid.org/0000-0003-3950-0427>